
Oficinas de arte com crianças e adolescentes: modos de subjetivação e cuidado de si

WANDERLEY MOREIRA DOS SANTOS*

Resumo

Neste artigo, propõe-se pensar novos modos de subjetivação e o cuidado de si para crianças e adolescentes em oficina de arte como forma de resgatar as potências de criação suprimidas no processo de socialização. As crianças e os adolescentes que rompem tal processo são vistas e tratadas como problemáticas pela escola, pela família e pela comunidade, tirando delas qualquer possibilidade de serem percebidas de forma mais afirmativas. Esse contexto afeta o modo como elas se percebem. O tipo de oficina de arte de que aqui se trata constitui um espaço-território de produção de arte, de socialização, de modos de subjetivação e de cuidado de si.

Palavras chave: Crianças. Adolescentes. Modos de subjetivação. Oficina de arte.

Introdução

As oficinas de arte, em especial para crianças e adolescentes, são desenvolvidas, em sua maioria, por projetos sociais no contra-turno escolar sob a rubrica de trabalhar sensibilidade, criatividade,

* Psicólogo. Mestre em Psicologia Clínica – Núcleo de Subjetividade – pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Membro da Sociedade Britânica de Psicologia. Psicólogo clínico com consultório particular e voluntário do Departamento de Psicologia da Casa do Brasil em Londres. E-mail: wanderleym@hotmail.com.

concentração, percepção, auto-estima, protagonismo infato juvenil, e com isso pode-se criar um território de modos de subjetivação e de cuidado de si. Comumente, um artista/educador/monitor é o facilitador na condução das oficinas.

A tarefa de definir arte é tão complicada quanto descrever a vida. Ao tentar caracterizar arte podemos cair na armadilha de nos tornarmos juízes e julgar o que venha ser ou não arte. Os critérios disso, comumente, são baseados em aspectos pelos quais nos identificamos, tais como beleza e moral. Por sua vez, entenderíamos arte como essência, dom ou inspiração divina, o que foge da nossa intenção. Tentaremos, então, traçar linhas que delinham os modos de subjetivação e os cuidados de si no trabalho com arte. Arte, aqui, é apenas uma das possibilidades de mediação; poderia ser jardinagem, reciclagem, leitura, circo, música, leitura, produção de texto ou qualquer outra atividade que se constitua como um território minimamente consistente e com potências criativas para crianças e adolescentes.

A criação de um território de possibilidades de existência se torna necessário, uma vez que em nossa sociedade, como aponta Passetti (2003), um processo educacional adaptacionista produz nas crianças uma espécie de *miniadultos* mediante a instauração de modos já convencionados, em detrimento da espontaneidade, característica da fase infantil (ainda que a ideia de “espontaneidade” proposta pelo autor deva ser problematizada), na qual a experimentação é o modo estar no mundo. Com isso, até o controle motor é ajustado para a adaptação do corpo à vida social, pois seu funcionamento “não difere grandemente do discurso dos imperativos de todos os gêneros e que moldam os seus movimentos” (GIL, 2004, p. 75). Já na visão evolucionista, a criança, segundo Dias (2009, p. 4), é percebida pela concepção do “ainda não”:

[...] ainda não atingiu a faixa etária, ainda não atingiu os objetivos esperados pela escola ou pelos pais, ainda não responde por si mesma, etc. Esta moratória da criança no ‘ainda não’ além

de conferir a ela um lugar de objeto nas mãos do outro, reforça a vigilância e expectativa exercida sobre elas para que correspondam a um ideal de normalidade, produzido e pactuado por um grupo social.

A adaptação e o “ainda não” retiram das crianças qualquer possibilidade de autonomia por produzirem o que Deleuze e Guattari (1997) chamaram de metro-padrão – modelos de sucesso em uma sociedade, pelo qual todos e todas devem se ajustar. Isso se dá por um constante achatamento das potencialidades criativas.

No caso dos adolescentes, um pensamento *adultocêntrico* ganha forma e continua a suprimir a autonomia do pensamento-ação:

O adolescente é, em nossa sociedade, um estranho. E diante desse estranho, o adulto se empenhará em colocar uma série de adjetivos para esses sujeitos: aborrescentes (críticos e questionadores), em crise, imaturos (biologicamente e intelectualmente), rebeldes (sem motivos), despreparados (para o trabalho, em alguns contextos, e também para a vida sexual), fora da realidade (demasiado idealistas, pensamento mágico), etc. O adolescente é, em nossa sociedade, o não adulto, aquele que não goza ainda de determinadas qualidades e habilidades e, portanto, privilégios: racionalidade, centramento, maturidade, capacidade, maturação sexual. (MAYORGA, 2006, p. 15)

Os adolescentes são vistos como indivíduos sem amadurecimento para fazer escolhas próprias e para serem inseridos no mundo dos adultos. Assim, a infância e a adolescência são categorias que podem inibir ou impedir uma produção própria, ou seja, menos colada aos modos padronizados e *adultocêntricos*.

Nesse contexto, não é incomum a solicitação, por parte dos pais e ou da comunidade escolar, de terapia para as crianças e adolescentes chamadas de problemáticas, que entendemos como sujeitos que recusam a submissão ao metro-padrão. Elas efetuam uma ação instituinte que desafia as ordens estabelecidas e

revelam os modos doentios e disciplinares das instituições¹, tal como a escola, e das máquinas abstratas de rostidade², que também agenciam poder.

¹ As instituições são lógicas, são árvores de composições lógicas que, segundo a forma e o grau de formalização que adotem, podem ser leis, podem ser normas e, quando não estão enunciadas de maneira manifesta, podem ser pautas, regularidades de comportamentos. (BAREMBLIITT, 1992, p. 27)

² "O poder maternal que passa pelo rosto durante o próprio aleitamento; o poder passional que passa pelo rosto do amado, mesmo nas carícias; o poder político que passa pelo rosto do chefe, bandeiras, ícones e fotos, e mesmo nas ações da massa; o poder do cinema que passa pelo rosto da estrela e o close, o poder da televisão... O rosto não age aqui como individual, é a individuação que resulta da necessidade de que haja rosto. O que conta não é a individualidade do rosto, mas a eficácia da cifração que ele permite operar, e em quais casos. Não é questão de ideologia, mas de economia e de organização de poder. Não dizemos certamente que o rosto, a potência do rosto, engendra o poder e o explica. Em contrapartida, determinados agenciamentos de poder têm necessidade de produção de rosto, outros não". (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 42)

Esses encaminhamentos têm o objetivo de, numa instância científica, alterar o comportamento apresentado, tentando fazer com que as crianças e os adolescentes se adaptem e parem de criar problemas na escola e na família. Nesse sentido, Rolnik e Guattari (2005) afirmam que é preciso forjar um devir-criança por meio do qual possam ser delineadas forças criativas suprimidas para que o processo de formatação seja aplicado. Assim, teremos novos territórios existenciais com seus modos de subjetivação e cuidado de si.

Subjetividade

Subjetividade é entendida por Foucault (2004) como um dos processos pelo qual o sujeito organiza a consciência de si mesmo. Entretanto, a subjetividade não está relacionada a nenhuma forma de centralização ou de individualização como forma de posse, avisam Guattari e Rolnik (2005). A subjetividade está, necessariamente, conectada com o outrem (pessoas, coisas, animais, pensamento, intervenções, arte, casas, cidades, autoridades, ideologias, culturas, políticas, temperatura, história – tudo com o que relacionamos e nos afetam). É nesse mesmo sentido que esses autores defendem que a subjetividade é produzida na coletividade, no contexto sócio-histórico e político-cultural do sujeito.

Somos compulsoriamente submetidos a uma subjetividade normativa que molda nossos modos de ser, de sentir, de agir e engendra na produção de desejo. Nos tempos atuais, a tecnologia, como código de barras, câmeras de seguranças, *chips*, computadores, *tablets* e *smartphones* afetam e controlam nossos desejos. Esses exemplos são fundamentais para entender tal processo, uma

vez que eles são parte importante dos avanços tecnológicos, ao mesmo tempo que nos capturam. Entretanto, podemos também pensar em outros modos padronizantes, como a ditadura da moda dos cabelos lisos e loiros, corpos magros, brancos e jovens.

A submissão posta no mundo atual pelas imagens eleitas como exemplo de beleza e de sucesso são frutos do modo capitalista de produção que dificulta quando não impede um movimento de pensar/questionar tal processo e, assim, tornamos o que Rolnik (1997) chama de *toxicômanos de identidade* – pessoas que fazem uso de rótulos de identidade como se compra uma droga³. Nesse mercado há um constante lançamento de novos modelos de identidade que devem ser desejados e consumidos, promovendo uma globalização das identidades e a completa sujeição desses indivíduos. Como afirma Guattari (1981), isso impede ações emancipatórias dos sujeitos que tiveram sua força de criação oprimida. Assim, um devir-revolucionário precisa ser processado como saída dessa completa alienação e abrir novos modos de subjetivação que visualizem o contexto sócio-histórico-político-cultural dos envolvidos, por meio de sua emancipação.

Nos modos de subjetivação uma ética e uma estética da existência se tornam presentes. A ética é a oposição da moral, entendida por Foucault (1984) como julgadora, cárcere, e que por meio de regras coercitivas tende a manter o indivíduo sob controle. O autor entende ética como uma ação de ordem prática, modos que um sujeito encontra para relacionar-se com os outros e consigo mesmo de forma não padronizada ou legitimada por um código normativo, mas aberta à variabilidade, que trará incertezas e, por sua vez, demandará sua problematização, o que não é entendido como pacificação, ao contrário, de recusa ao familiar. Por sua vez, para o autor não existe ética sem a existência de um sujeito minimamente livre. Ética sem liberdade é moral, “a liberdade é condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida que toma a liberdade” (FOUCAULT, 1994, p. 712). A ética media as

³ A autora considera droga aquelas fabricadas pelas indústrias farmacêuticas, dentre elas as que vendem uma ilusão identitária, que se desfaz com qualquer ventania, e aquelas de ordem psiquiátrica, cujos objetivos são “psicologizar”, “psicatrizar” e “neurologizar” a consciência de que se tem desse processo.

relações entre homens e mulheres livres, em que a potência de vida ganha formas por “desinvestimento” em desejos de poder. Na necessidade de problematização pela presença do não familiar, um novo território ganha contornos. Aí uma estética da existência se delineia, criando novos modos de convivência. Para Ventura (2008, p. 65), “a estética da existência (ou artes da existência) não só abre a possibilidade de um caminho singular capaz de conduzir a ação de um indivíduo, como também produz mudanças neste indivíduo”. Esse processo favorece fazer da vida uma obra de arte.

O cuidado de si

Para fazer da vida uma obra de arte, o cuidado de si torna-se fundamental. Foucault dedicou uma grande pesquisa à questão do sujeito de desejo na modernidade e seus modos de subjetivação. O objetivo era de entender “*os diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos*” (FOUCAULT, 2005, p. 231). Seu objetivo tinha como guia a seguinte pergunta: Como poderia um sujeito, no mundo ocidental, fazer uma experiência própria de si para além dos modos de poder que regulam a vida, tal como a Lei e a Igreja? Para tanto, ele investigou a Antiguidade e afirmou:

[...] esta elaboração do si e sua conseqüente austeridade não é imposta ao indivíduo pela lei civil ou pela obrigação religiosa; trata-se, ao contrário, de uma escolha feita pelo indivíduo para a sua própria existência. As pessoas decidem por si mesmas se cuidam ou não de si [...]. Era uma questão de fazer da vida um objeto para uma espécie de saber, uma técnica, uma arte. (FOUCAULT, 1995, p. 270)

Foucault retira o poder absoluto das instituições devolvendo ao homem a ação do cuidado de si.

Lúcio Aneu Séneca (4 a.C-65 d.C), um dos filósofos da escola estoica, dedicou-se a instruir a respeito do cuidar de si, entendido

como arte. Para ele, o domínio si mesmo só é possível para aquele que não fizer “de seu corpo um peregrino por outros corpos” (SÉNECA, 1997, p. 17). É preciso trilhar o próprio caminho e construir os modos próprios de cuidado de si.

Foucault (1985) relata o pensamento grego a respeito dessa prática não como algo que deve ser exercitado por um ser isolado do mundo, mas por aquele que está imerso no mundo e atento ao controle. É

[...] uma arte da existência que gravita em torno da questão de si mesmo, de sua própria dependência e independência, de sua forma universal e do vínculo que se pode e deve estabelecer com os outros, dos procedimentos pelos quais se exerce seu controle sobre si próprio e da maneira pela qual se pode estabelecer a plena soberania sobre si. (FOUCAULT, 1985, p. 234)

Para o autor, o modo de produção de pensamento-ação de si no mundo é um posicionamento por meio do qual percebemos e agimos com nós mesmos e com os outros. Para isso, o reconhecimento da diferença, da singularidade, presente no encontro com o outro, torna-se fundamental para operar uma mudança sempre que o poder suprimir a vida.

Oficina como um espaço para o cuidado de si

A oficina de arte que aqui se refere foi desenvolvida pelo autor entre 1996 e 2006, no Bairro Santa Inês, Regional Leste de Belo Horizonte. Era uma das sete oficinas do Projeto Arte da Saúde da mesma regional. O projeto, criado em 1994, em parceria com as secretarias Municipal e Estadual de Saúde, Abastecimento e Assistência Social, pertencia ao Fórum Mineiro de Saúde Mental. A proposta do projeto era atender em torno de 120 crianças e adolescentes entre 7 e 18 anos encaminhadas pelas escolas

públicas aos postos de saúde da prefeitura da cidade. Assim, os encaminhamentos para as oficinas eram feitos por um grupo de psicólogos que se encontravam juntamente com os monitores das oficinas e a coordenação do projeto para fazer acompanhamento do desenvolvimento das crianças nas oficinas. As oficinas aconteciam duas vezes por semana, com duração de quatro horas no contraturno escolar. Os locais das oficinas eram emprestados pela comunidade.

O alto número de encaminhamentos, sobretudo de meninos, e as formas com como eram feitos indicavam uma inadequação. Essas crianças e adolescentes eram taxados de problemáticos e, comumente, tinham diagnósticos de hiperatividade e de dislexia, dentre outros, dados pelas professoras, inspetoras e diretoras; alguns tomavam remédios psiquiátricos, entendidos como desnecessários, pois eram usados, em sua maioria, para acalmá-los, deixá-los comportados e obedientes; muitos deles tinham encaminhamentos equivocados para escolas especiais, pois eram considerados inaptos para a escola “normal”. Muitas vezes não havia uma demanda para que fossem atendidos na clínica, e as oficinas eram uma possibilidade, mas isso não era uma regra, já que havia crianças que estavam tanto na clínica quanto na oficina. Os encaminhamentos dependiam do aceite da criança e do adolescente. Alguns iam para conhecer e, se gostassem, ficavam. Esse procedimento era fundamental para evitar a repetição de submissão a uma vontade do outro.

Havia uma gama de atividades possíveis, tais como desenho, pintura, reciclagem, papel machê, colagem e objetos com missangas. Atividades externas como cinema, galerias de arte e parques também eram realizadas. Entretanto, havia espaço para sugestões de atividades por parte das crianças e dos adolescentes, e, em um exercício do protagonismo juvenil, eles participavam do planejamento, da execução e da avaliação das atividades.

Na tentativa de que as atividades fossem possibilidades de criação e não de cópia de um modelo, os materiais eram dispostos na mesa, e cada um os usava da forma que quisessem. À medida que o processo de criação se desenvolvia e porventura demandava alguma orientação, o monitor auxiliava. Entretanto, para algumas atividades, como objetos de missangas e papel machê, a estrutura e a forma eram ensinadas e a cor era desenvolvida de forma singular.

As conversas permeavam a confecção dos objetos. Conversas sobre escola, amigos, família, namoros, novelas, filmes, desenhos, drogas, religião, e tudo o que surgia no momento fazia também parte do processo de criação. Eles sabiam que as conversas que ali tínhamos não iam ser levadas aos pais ou responsáveis e, portanto, aquele era o nosso território. Um ponto comum nas conversas era sobre atos de violência verbal, física ou psicológica que aconteciam na escola por parte dos alunos e da comunidade escolar. A violência verbal e física eram as formas mais comuns usadas por eles como respostas a outras violências sofridas. Com isso, o resultado era, muitas vezes, a suspensão da escola, o que gerava problemas e castigos em casa, a suspensão da oficina por parte pais como forma de punição e queixa à psicóloga responsável. Em casos tidos como mais graves, a expulsão, ou a exigência de que o aluno fosse atendido por uma psicóloga como condição para que ele permanecesse na escola, era comum. A tentativa era pensar com eles a respeito desses eventos e construir outras formas de manifestar uma insatisfação ou em resposta a uma violência, sem necessariamente ser violento e evitar as punições, como uma das formas de cuidar de si.

Brincadeiras infantis, como esconde-esconde, rouba bandeira, queimada, finca e lutinha, faziam parte da oficina não como um retorno romântico e um passado saudoso, mas com mais uma das possibilidades do brincar. Era uma forma lúdica de reinventar limites de si e do outro, expandir as potencialidades e de se divertir.

À medida que as crianças e os adolescentes, imersos na sua problemática, desenvolviam as atividades, percebiam que podiam inventar e reinventar novas formas de ser e estar na oficina. Essa percepção se expandia e afetava outras áreas da vida deles, pois, como afirma Deleuze (1992), a ação da artista não se limita ao espaço da obra, tampouco começa com ela. Isso dá a possibilidade de pensar essa oficina como um lugar-território em que fora e dentro são elementos cruciais para que algo se processe de forma diferenciada na criação de vida.

Cada momento de nossa vida é uma espécie de criação. E, assim, como o talento do pintor se forma ou se deforma, em todo caso se modifica, pela própria influência das obras que produz, assim também cada um de nossos estados, ao mesmo tempo que sai de nós, modifica nossa pessoa, sendo a forma nova que acabamos de nos dar. Tem-se, portanto, razão em dizer que o que fazemos depende daquilo que somos; mas deve-se acrescentar que, em certa medida, somos o que fazemos e que nos criamos continuamente a nós mesmos. (BERGSON, 2005, p. 7).

Conclusão

A oficina de arte aqui discutida apresenta-se como uma possibilidade de trabalhar a saúde mental de crianças e adolescentes que se encontram em situações de opressão, nesse caso a escola, que é vista como um potencial opressor. Na oficina, as crianças exercem um protagonismo que foi minando, quando não desaparecendo, ao longo de sua socialização até então, por terem que responder de forma silenciosa e passiva aos modos de formalização impostos pela sociedade. Entretanto, em um dado momento, esses corpos acordam e recusam, à sua maneira, tal processo, ao mesmo tempo em que o evidenciam e tornam-se crianças problemas. A criação de espaços onde essa problemática possa ser

trabalhada é fundamental para uma educação para a vida, para a abertura de possíveis, e não sua restrição.

Pensar em resultados de um processo educativo como esse é dilatar o tempo numa aposta de que essa experiência de criação e protagonismo possam gerar efeitos irreversíveis na vida dessas crianças e adolescentes.

Finalizando, faz-se necessário pensamento-ação de outros modos de ser e de estar no mundo em contraposição às práticas do exercício de poder, principalmente no trabalho com crianças e adolescentes que já se encontram em um contexto de desvantagem e opressão. Isso é fundamental para a manutenção da vida como sinônimo de prática de experiência, de contradições e de manutenção do jogo da pluralidade de corpos e da subjetividade, num constante cuidado de si.

ART WORKSHOPS FOR CHILDREN AND ADOLESCENTS: MODES OF SUBJECTIVITY AND SELF CARE

Abstract

This paper proposes new ways of thinking about subjectivity and self care for children and adolescents in art workshops as a way of redeeming the creative forces that have been suppressed during the socialization process. Children and adolescents who break from this process are viewed and treated as problematic by the school, their families, and the community, without their being perceived in a more affirmative way. This context then affects how they see themselves. The type of art workshop described in this article is a place for producing art and engaging in socialization, forms of subjectivity, and self care.

Keywords: *Children. Adolescents. Modes of subjectivity. Art workshop.*

Résumé

DES ATELIERS ARTISTIQUES AVEC LES ENFANTS ET LES ADOLESCENTS: LES MODES DE SUBJECTIVITÉ ET LA GARDE DE SOI-MÊME

Ce document propose penser des nouvelles façons de la subjectivité et de la garde de soi-même pour les enfants et les adolescents en atelier d'art comme un moyen de reprendre les puissances de la création réprimées dans le processus de socialisation. Les enfants et les adolescents qui enfreignent ce processus sont considérés et traités comme problématique par l'école, par la famille et par la communauté, en les prenant toute possibilité d'être aperçu d'une manière plus positive. Ce contexte affecte la façon dont ils se perçoivent. Le type d'atelier d'art qui se présente ici s'agit d'un espace-territoire de l'art, de la socialisation, des formes de la subjectivité et de garde de soi-même.

Mots-clés: Les enfants, modes de subjectivité, atelier d'art.

Referências

- BAREMBLITT, G. F. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1992.
- BERGSON, H. *Evolução criadora*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. v. 3.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. v. 5.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DIAS, Fábio Wallace de Souza. A criança e o adolescente no campo da saúde mental: que lugar? *Clinicaps*, v. 7, p. 1-7, jan. abr. 2009. Disponível em: http://www.clinicaps.com.br/clinicaps_pdf/Rev_07/Revista%207%20art%205.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- FOUCAULT, Michael. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. v. 3.
- FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984. v. 2.
- FOUCAULT, Michael. L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté. In: _____. *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994. v. 4, p. 708-729.
- FOUCAULT, Michael. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- GIL, José. *Movimento total: o corpo e a dança*. Tradução de Miguel Serras Pereira, São Paulo: Iluminuras, 2004.
- GUATTARI, Felix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- MAYORGA, Claudia . Identidades e adolescências: uma desconstrução. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 1, n. 1, p. 1-20, jun. 2006. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/revistalapip/Identidades_e_Adolescencias_-_C_Mayorga.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2012.
- PASSETTI, Edson. *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo: Cortez, 2003.
- ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel. *Cultura e subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papirus, 1997. p. 19-24.
- ROLNIK, Suely; GUATTARI, Felix. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

SÉNECA, Lúcio Aneu. *Dialogues and letters*. London: Penguin, 1997.

VENTURA, Rodrigo Cardoso. A estética da existência: Foucault e psicanálise. *Cogito*, Salvador, v. 9, n. 9, p. 64-66, 2008.

Recebido em maio de 2012
Aprovado em julho de 2012